

UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Perspetivas da dinâmica familiar através do Teste de
Desenho da Família e do *EMBU***

Carla Elisabete Pereira Martins (Carla.elisabete7@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação Desenvolvimento
e Aconselhamento sob a orientação do Professor Doutor Pedro Urbano

I

Perspetivas da Dinâmica Familiar através do Teste do Desenho da Família e do EMBU

Resumo

Com este trabalho pretende estudar-se as perspetivas da dinâmica familiar em crianças e adolescentes, incluindo também a sua perceção em relação aos estilos educativos parentais.

Num momento inicial procurou-se avaliar de um modo mais global a perspetiva da criança e do adolescente através da realização do Desenho da Família por este se tratar de um teste projetivo de personalidade que permite igualmente uma maior aproximação e construção de uma relação mais positiva com os sujeitos envolvidos (Aires 2003, p. 6).

Neste procura-se ainda estudar a perspetiva dos próprios progenitores em relação aos seus estilos educativos parentais, uma vez que os pais são os principais intervenientes no desenvolvimento dos filhos, do mesmo modo que a família é o principal campo de socialização dos mesmos (Canavarro, 1996).

A parentalidade é assim vista como uma prática ou ação de educação que engloba a forma como os progenitores ou outros cuidadores cuidam dos seus descendentes (Barroso & Machado, 2007) que pode, segundo os estudos desenvolvidos por Baumrind, ser organizada em três estilos educativos: o autorizado, o permissivo e o autoritário (Sprinthall & Collins 1988, pp., 298;299).

Assim, para análise destas perspetivas recorreu-se à aplicação do Teste de Desenho da Família e ao preenchimento dos questionários *EMBU-A*, *EMBU-C* e *EMBU-P*, de acordo com a idade dos sujeitos envolvidos, numa amostra constituída por 30 sujeitos da região Norte, com idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos e que se encontram a frequentar do 2º ao 8º ano de escolaridade.

Por fim, são apresentados os resultados obtidos neste estudo, efetuando-se uma análise qualitativa dos mesmos e, ainda referenciadas as principais conclusões e limitações do presente estudo.

Palavras chave: Dinâmica familiar, Parentalidade, Estilos Educativos Parentais (Autorizado, Permissivo, Autoritário).

Perspectives of Family Dynamics by Family Drawing Test and EMBU

Abstract

The aim of this project is studying the different perspectives of family dynamics in children and adolescents, including also their perception about parental educational styles.

Firstly the children's and adolescents' perspectives was assessed in a global way, through the implementation of the Family Drawing. The Family Drawing is a personality projective test, which gives a closer and a greater construction of a positive relationship with the involved subjects (Aires, 2003 p. 6).

Furthermore, it was considered the parents' perspective related to their own parental educational styles, since the parents are the key players in the development of their children, and the family is the main field of socialization of children (Canavarro, 1996).

The parenting is seen as a practice or an education action, including the way parents, and other caregivers, look after their descendants (Barroso & Machado, 2007), which, according to the studies of Baumrind, could be organized in three educational styles: authorized, the permissive and authoritarian (Sprinthall & Collins 1988, pp., 298; 299).

To analyse the perspectives, it was used the Family Drawing and the answer of questionnaires EMBU-A, EMBU-C e EMBU-P, according to the age of the subjects. The sample involves 30 subjects of Northern Portugal, aged between 7 and 14 years old, who are attending the 2nd to the 8th grade.

Overall, this study's outcomes are presented at the end, followed by the respective qualitative analyse with the main conclusions and the limitations of the study.

Key Words: family dynamics, parenting, parental educational styles (authorized, the permissive, authoritarian)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o meu agradecimento vai para os meus pais pelo seu apoio, dedicação, força nos momentos mais difíceis, pela confiança em mim que me ajudou nas minhas inquietações. Por tudo o que me ensinaram e transmitiram e por me terem ajudado a percorrer este sonho durante todo este tempo;

À minha irmã, pelo auxílio e pela companhia naquelas noites intermináveis;

Aos meus amigos Ana, Inês, Cintia, Rogério e Carlos pela sua amizade e disponibilidade para ajudar nesta tarefa, em especial, pela leitura crítica da mesma;

Às Dras. Rita e Inês Silva, pela amizade, pela incansável presença, pelo conforto nas horas mais difíceis e por não me deixarem desistir nos momentos de aperto. Por todo o apoio e ajuda que disponibilizaram ao longo desta caminhada;

À Rita, por se ter imediatamente disponibilizado a ler este trabalho;

À minha amiga Ju, que está presente em todos os momentos para me dar força e incentivar;

Às minhas colegas Ana Rita, Telma e Tânia pelos momentos de partilha, companheirismo, pela força e coragem transmitida;

Ao Professor Doutor Pedro Urbano, pela orientação fornecida e pela sua presença, disponibilidade. Pelas orientações e críticas fornecidas de modo a que o presente trabalho pudesse ficar sempre melhor.

Aos pais, crianças e adolescentes que carinhosamente aceitaram participar neste estudo contribuindo para o projeto final desta longa caminhada que se iniciou há cinco anos atrás.

Índice

Introdução	6
I – Enquadramento concetual.....	7
1.1 – Parentalidade.....	7
1.2 – Teste de Desenho da Família	11
II - Objetivos	17
III - Metodologia.....	18
3.1. Descrição da amostra	18
3.2 Instrumentos.....	19
Consentimento Informado.....	20
Questionário Sociodemográfico.....	20
Teste de Desenho da Família	20
<i>EMBU</i> - Crianças 6-12	21
<i>EMBU</i> - Adolescentes	21
<i>EMBU</i> - Pais.....	22
3.3 Procedimentos	22
IV – Resultados.....	22
V - Discussão	25
VI - Conclusões.....	31
Bibliografia	34

Introdução

O presente estudo desenvolveu-se com o intuito de conhecer a perspectiva de um determinado conjunto de sujeitos relativamente ao seu meio familiar. Para tal, este encontra-se organizado em dois grupos essenciais sendo que o primeiro diz respeito à revisão bibliográfica realizada em torno do conceito de parentalidade e do Teste do Desenho da Família, por sua vez, o segundo irá englobar a metodologia desenvolvida, apontando os procedimentos adotados, os principais resultados obtidos e as conclusões que poderão ser retiradas dos mesmos.

No que diz respeito à parentalidade este é um conceito que tem sido largamente estudado no âmbito da Psicologia pela sua relevância (Canavarro & Pereira, 2007). Esta é assim vista como uma atividade natural, robusta e bem estabelecida mas que, atualmente, é considerada muito complexa (Hoghugh 2004, p. 5). Deste modo, o mesmo autor recorda que os cuidados parentais devem constituir um conjunto de atividades que se destinam especificamente a promover a prosperidade da criança, uma vez que, a criança humana é um ser vulnerável, incapaz de cuidar de si mesma pelo menos até à sua meia infância (*ibidem*, pp., 2; 6). É ainda considerável notar que, segundo este, nas sociedades modernas tem-se verificado que a proteção e o apoio parental têm ido muito além da meia infância.

Historicamente, é ainda importante recordar que, no Ocidente, tanto os casais ricos como os pobres tendiam a construir famílias numerosas enquanto os casais de estatuto sócio-económico médio tendiam a ter menos filhos (Hoghugh 2004, p. 2). No entanto, o mesmo autor nota que ao longo do tempo tem-se verificado uma maior convergência ao nível das dimensões familiares, nomeadamente devido à redução da morte infantil.

Na atualidade como se verifica um maior equilíbrio de poder e de contribuição económica para a família entre o homem e a mulher verifica-se que um menor número de pessoas se decide a casar e a ter filhos como consequência das condições económicas e sociais a longo prazo. Isto porque, recorda ainda o autor mencionado, as crianças representam um encargo significativo em termos económicos mesmo em países em que os progenitores recebem apoio financeiro (*ibidem, idem*).

Neste ponto é também analisado o Teste de Desenho da Família.

O desenho segundo Bédard (1998, p., 8) trata-se de uma representação não só do consciente de determinada criança, mas também, do seu inconsciente. Sendo que, o mais importante não é a estética do mesmo, mas sim, a simbologia e as mensagens que com ele estão associadas. O desenho foi assim, reconhecido como uma das formas mais importantes através do qual as crianças exprimem as suas emoções e a sua personalidade (Understanding). Debiene (1968, p., 71) considerou ainda que tanto o desenho como a pintura poderão contribuir para a elaboração de um diagnóstico em jovens doentes. A mesma autora recorda que o Prof. Heuyer foi uma das primeiras pessoas a atribuir maior significância ao desenho e à pintura no contexto da psiquiatria clínica.

O mesmo pode igualmente ser usado pelos psicólogos, terapeutas e

conselheiros de forma menos formal não para avaliar, diagnosticar ou intervir mas para permitir à criança que esta se exprima ou comunique algumas questões, sensações ou explore e resolva um problema através da autoexpressão (Malchiodi, 1998 p., 18).

Relativamente ao Teste de Desenho da Família usado no decorrer deste estudo sabe-se que este permite à criança expressar-se sobre a sua dinâmica familiar (Santos, 2004 p., 36). Trata-se de um teste de personalidade que permite também avaliar o estado afetivo e a estruturação da personalidade da criança (Aires, 2003 p., 6).

No entanto, têm-se verificado o aparecimento de algumas alterações à forma padrão deste, nomeadamente, o Desenho da Família Cinético, o Desenho da Escola Cinética e o Desenho da Família em Círculo referidos por Oster & Crone (2004, pp., 118-124). Estes acrescentam ainda que as alternativas atrás mencionadas têm assumido um papel relevante em diferentes contextos, como por exemplo nos casos de disputa do poder parental.

No caso do presente estudo é considerável notar que foi usada a forma padrão deste instrumento onde o profissional deverá pedir, inicialmente, à criança que desenhe uma família da sua imaginação e só posteriormente a sua família real para que não se comprometa a real projeção da criança (Aires, 2003 p., 6).

Num segundo capítulo será efetuada a caracterização metodológica do estudo em questão onde será brevemente descrita a amostra usada, os instrumentos e procedimentos adotados, os principais resultados e respetiva análise e conclusões baseada nos pressupostos de Aires (2003, pp., 6-16) embora sejam igualmente introduzidos outros autores.

I – Enquadramento concetual

1.1 – Parentalidade

A Psicologia preocupou-se desde cedo com o estudo da influência do ambiente no desenvolvimento de um indivíduo. Neste âmbito, o comportamento parental tem sido largamente estudado tendo em conta a sua relevância para a compreensão do desenvolvimento humano e do seu funcionamento (in)adaptativo (Canavarro & Pereira, 2007). Uma vez que, segundo Pereira, Canavarro, Cardoso e Mendonça (2009), existem diversos estudos que sugerem que os comportamentos negativos dos pais podem aumentar o risco de ajustamento dos seus filhos. As mesmas autoras sugerem que a relação entre os pais e as crianças desempenha um papel central na compreensão do seu desenvolvimento comportamental e psicossocial. É de notar que para Canavarro (1996) os pais são, muitas vezes, vistos como os principais intervenientes no desenvolvimento dos filhos, do mesmo modo que a família se torna o seu principal campo de socialização. Esta irá posteriormente contribuir para a formação da identidade do sujeito que está dependente do desenvolvimento social, intelectual e emocional que deriva das relações familiares estabelecidas. Acrescente-se que os fatores já mencionados em conjunto com o modo como os pais preparam e ensinam os seus filhos, as oportunidades e entraves que a

Perspetivas da dinâmica familiar através do Teste de Desenho da Família e do *EMBU*

Carla Elisabete Martins (Carla.elisabete7@hotmail.com) 2014

vida pode colocar ao desenvolvimento normal, são fatores que registam a sua influência desde o nascimento (Sprinthall & Collins 1988, p., 295).

Assim, Hoghughi (2004 p., 2) recorda alguns dos fatores que historicamente e, em praticamente todos os países exerceram a sua influência no desenvolvimento das crianças. Nomeadamente a escassez de alimentos; as ameaças externas à sobrevivência; a reduzida esperança média de vida das crianças; as ameaças exercidas pelo poder soberano perante os pais e as suas crianças; a exploração infantil e, por fim as guerras. Segundo o autor todos estes fatores reduziam os recursos económicos e frequentemente desestruturavam as famílias. É ainda digno de nota que para muitos estas ameaças se tornaram menos intrusivas, no entanto, em alguns países desenvolvidos os pais são, muitas vezes, confrontados com pressões e dificuldades que podem eventualmente dificultar ou minar a sua eficácia enquanto pais (*ibidem, idem*).

Deste modo, Barroso e Machado (2010) referem que para Hoden e Kane a educação é vista como uma das mais desafiantes, complexas e difíceis tarefas, mas também que, segundo Bornstein, é uma das principais para uma geração de pais que se preocupa com a preparação dos seus filhos. Assim, é de esperar que os progenitores procurem facilitar o desenvolvimento dos seus descendentes a todos os níveis. Para que tal se torne possível é necessário que estes assumam a sua parentalidade, isto é, uma prática ou ação de educação que engloba a forma como os progenitores ou outros cuidadores cuidam dos seus descendentes (*ibidem, idem*). Não obstante, Hoghughi (2004, p., 6) lembra que a parentalidade irá envolver as crianças, os pais e outros elementos da família numa interação contínua ao longo da vida e que, em cada estágio de desenvolvimento, um sujeito poderá ter uma ideia de si próprio enquanto criança, da sua mãe, do seu pai e, também de outros prestadores de cuidados. Tal poderá afetar o contexto familiar em que se movem, a motivação dos próprios pais para responderem adequadamente às crianças, assim como, a forma como estes exercem a sua parentalidade (*ibidem, idem*).

Neste contexto, é expectável que os pais procurem sempre facilitar o desenvolvimento infantil de acordo com aquilo que é preconizado pelo Artigo 27º da Convenção dos Direitos da Criança, neste é descrito que é da responsabilidade das figuras parentais ou outros cuidadores darem às crianças as condições de vida necessárias ao seu desenvolvimento em diversas áreas, sem esquecer, que tal facto irá depender das competências e capacidades financeiras de cada um (Barroso & Machado, 2010). Por conseguinte, para Hoghughi (2004, p., 5) os cuidados parentais podem também ser definidos como um conjunto de atividades úteis que pretendem assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento das crianças.

A variedade de definições que se encontra na literatura em torno deste conceito poderá estar relacionada com a diversidade de cuidados parentais, com a sua complexidade e com a necessidade de tratar pais e crianças de acordo com a sua particularidade (*ibidem, p., 6*). Ou ainda, com a difícil tarefa de caracterizar um sistema familiar e os seus intervenientes, uma vez que, a tarefa de educar um filho poderá tornar-se cada vez mais desafiante. Por exemplo, segundo Reichert e Wagner (2007) é na adolescência que a

educação de um filho irá confrontar os pais com a necessidade de negociar mutuamente e com dúvidas fazendo com que as figuras parentais, muitas vezes, se sintam ameaçadas e inseguras em relação aos seus papéis e ao modo como devem exercer a sua autoridade. Logo, à medida que as crianças crescem o seu comportamento tem tendência para se modificar e tornar mais complexo exigindo que os pais equacionem respostas e modos de gestão diferentes perante os mesmos (Hoghugh 2004, p., 4).

Deste modo, atendendo às dificuldades inerentes ao exercício da parentalidade e às dúvidas que esta pode suscitar torna-se relevante colocar em debate a possibilidade de influência dos comportamentos parentais e familiares na personalidade das crianças. Baumrind, segundo Sprinthall e Collins (1988 p., 297) interessou-se por este tema e procurou através dos seus estudos encontrar diferenças entre diversas famílias. A autora partiu do pressuposto que as respostas dos filhos às influências parentais estão, em parte, dependentes de alguns elementos educacionais, tais como, o calor humano, o incentivo à maturidade, do envolvimento, da procura e da supervisão, do mesmo modo que os pais quando envolvidos no processo de socialização dos seus filhos agem de acordo com um determinado estilo educativo parental (Reichert & Wagner, 2007). Desta forma, a autora conceitualizou os estilos educativos parentais em três tipos - autoritários, permissivos e autorizados (Sprinthall & Collins 1988, pp., 298;299).

No que respeita à parentalidade autoritária os pais são caracterizados como rígidos e controladores, tentando impor aos seus filhos padrões comportamentais perfeitos se necessário com recurso a medidas punitivas e violentas a fim de obter respeito, apresentando-se como uma figura de autoridade. Relativamente, ao cariz emocional e familiar este é, muitas vezes, pautado por alguma frieza e distanciamento.

Por sua vez, na parentalidade permissiva, verifica-se que são feitas poucas exigências aos filhos e que não é usado o poder e a força na sua educação. Ao invés, salienta-se o uso da razão e da persuasão nas suas interações.

Por fim, no que respeita à parentalidade autorizada considera-se que esta apesar de reunir características algo semelhantes aos tipos acima descritos, é possível destacar outras que a distinguem. Isto é, estes pais definem limites e expectativas estanques para o comportamento dos seus filhos, dando-lhes orientação através da razão e da implementação de regras. Os mesmos usam recompensas e punições em consonância com o comportamento apresentado pela criança. De certo modo, estes pais têm consciência da sua autoridade, mas também, das necessidades e interesses dos seus filhos existindo uma envolvimento afetiva caracterizada por um ambiente familiar caloroso.

Porém, na década de 80, segundo o que referem Reichert & Wagner (2007), Macoby e outros pesquisadores redefiniram as tipologias descritas por Baumrind, introduzindo dois tipos de pais permissivos os indulgentes e negligentes.

No primeiro caso é identificado um alto envolvimento afetivo em detrimento da monitorização e supervisão parental. Por norma, são caracterizados como pais tolerantes os que permitem que os filhos se auto

regulem, incentivando a autonomia e a independência e inibindo valores como a solidariedade e a justiça. Quanto ao tipo negligente os mesmos autores notam que os pais não são nem exigentes nem responsivos, ou seja, estes não supervisionam nem dão suporte aos seus filhos.

É ainda digno de referência o facto de outros autores se terem dedicado ao estudo das tipologias de Baumrind como foi o caso de Glen Elder. Este autor recorda que a diferença mais acentuada entre as tipologias descritas por Baumrind está relacionada com o modo como os pais exercem a sua autoridade. Nas famílias de tipo democrático verifica-se que os pais se interessam e encorajam os filhos a debater os seus comportamentos. Enquanto nas famílias autocráticas há uma desvalorização das opiniões e dos sentimentos dos filhos. Por fim, as famílias autorizadas ou relativamente democráticas tendem a ser associadas à norma daquilo que é considerado um desenvolvimento saudável. Isto, por apresentarem aos seus filhos modelos diversificados de responsabilidade social, mostrando-se preocupadas com o bem-estar dos mesmos. Segundo o mesmo autor, estas famílias procuram igualmente fornecer um ambiente propício para a aprendizagem que estará associada ao facto de todos os elementos do sistema familiar terem noção de que mesmo em circunstâncias adversas a família se manterá unida (Sprinthall & Collins 1988, pp. 300; 301). Este estilo é considerado como o mais vantajoso e mais capaz de fomentar um desenvolvimento mais competente (Pereira, Canavaro, Cardoso & Mendonça, 2009).

Neste seguimento, poderá ser colocada uma importante questão, quais os critérios necessários para que a parentalidade seja considerada adequada?

Os critérios de resposta a esta questão são construídos a nível social, e estão dependentes de impressões subjetivas e crenças culturais (Machado & Barroso, 2010). Na revisão bibliográfica efetuada pelos autores atrás mencionados são referidos vários autores que se dedicaram ao estudo deste tema (*e.g.* Holden, Lightfoot & Valsiner). Saliente-se que todos estes apontam para o facto de as teorias parentais tenderem a ser partilhadas culturalmente, uma vez que, a sua delimitação parte de um conjunto de crenças culturais.

Neste seguimento, note-se que segundo Hoghughi citado por Machado e Barroso (2010) baseando-se nos resultados das suas investigações e nos pressupostos de Bronfenbrenner e de Belsky defende a existência de uma parentalidade repartida por onze dimensões englobadas em três grupos – atividades parentais, áreas funcionais e pré requisitos.

Assim segundo os mesmos autores, neste modelo, é pressuposto que as atividades parentais devem assegurar a prevenção de adversidades que possam provocar o sofrimento da criança, promovendo experiências positivas que a auxiliem ao longo da sua vida, ou seja, os progenitores devem tentar garantir a satisfação das necessidades dos seus descendentes (*ibidem, idem*).

No que diz respeito às áreas funcionais incluídas no modelo de Hoghughi, estas encontram-se relacionadas com os aspetos de funcionamento da criança que requerem a atenção parental. Por fim, são ainda integrados neste modelo os pré-requisitos inerentes à prática da atividade parental, tais como, os conhecimentos e a compreensão, recursos,

motivação e as oportunidades (Machado & Barroso, 2010). Neste seguimento é necessário recordar que o comportamento parental poderá ser afetado por alguns determinantes, segundo os autores mencionados, pelas características individuais e sociais, fatores demográficos e psicológicos dos quais podem resultar, por exemplo, os maus tratos infantis. Estes surgem como uma marca negativa associada à fragilidade dos cuidados parentais, ou seja, um extremo negativo destes cuidados. Noutros estudos referidos por Machado e Barroso (2010) tem sido apontado que o comportamento parental varia em função dos determinantes ambientais ou, da presença de variáveis genéticas, temos como exemplo, o estudo de Lucht e colaboradores que sugere a existência de uma base genética influente ao nível dos processos de vinculação e de parentalidade.

Por sua vez, no que diz respeito às influências sócio contextuais na parentalidade Belsky, citado por Machado e Barroso (2010), destaca os seguintes fatores influentes: os individuais (*e.g.* a personalidade e a psicopatologia), as características individuais das crianças (*e.g.* o temperamento) e o contexto social alargado onde se encontra estabelecida a relação pais-filhos (*e.g.* relações maritais, ocupações profissionais, redes de suporte social). Ou seja, as histórias desenvolvimentais dos pais, o seu relacionamento conjugal e a sua ocupação profissional influenciam a sua personalidade e estado psicopatológico, que por sua vez, afetam as práticas parentais e, conseqüentemente, o desenvolvimento infantil. Belsky e Jafee (*ibidem, idem*), destacam igualmente, o importante papel que a vizinhança e a comunidade podem assumir no desempenho do papel parental.

Em suma, os cuidados parentais tendem a ser vistos como um assunto fundamental e universal na sociedade. Esta parece surgir como um elo de coesão entre as nações, gerações, classes sociais, grupos étnicos, religiosos ou políticos onde os pontos comuns se tornam mais evidentes que as diferenças entre eles (Hoghugh 2004, p., 6).

1.2 – Teste de Desenho da Família

Durante muito tempo houve um certo interesse em relacionar criações artísticas com a personalidade dos seus criadores, mas apenas no final dos anos 80 e início dos anos 90 é que, na Europa, o interesse pela arte relacionada com indivíduos com alguma psicopatologia ou sujeitos institucionalizados cresceu (Malchiodi 1998, p., 2).

Assim, o desenho tem vindo a assumir uma importância crescente tornando-se um meio de comunicação privilegiado, quando interagimos com crianças, uma vez que este pode facilitar a expressão de sentimentos, conflitos, preocupações e desejos (Santos 2013, p., 34). Tal como considera Cox (2005, p., 262) esta técnica é apontada como facilitadora da evocação de memórias passadas. A mesma autora refere ainda que o desenho pode tornar-se um melhor evocador que o discurso verbal, por exemplo, no caso de crianças que foram vítimas ou que testemunharam um crime. Neste sentido, é ainda digno de nota que esta maior e mais fácil evocação poderá ser útil em contexto de consulta, em entrevistas terapêuticas e, também, ao longo do processo educativo (Cox 2005, p., 262).

Deste modo, o desenho pode ser utilizado pelos profissionais para diversas finalidades, nomeadamente, para a avaliação da inteligência e,

Perspetivas da dinâmica familiar através do Teste de Desenho da Família e do *EMBU*

Carla Elisabete Martins (Carla.elisabete7@hotmail.com) 2014

também da situação clínica e emocional de cada sujeito (*ibidem*, p., 261). Pensa-se que os desenhos das crianças refletem o seu mundo interior, representando sensações e informações acerca do seu estado psicológico e estilo interpessoal (Malchiodi 1998, p., 1).

No entanto, Cox (2005, p., 261) nota que apesar de se recorrer frequentemente à técnica referenciada, a mesma não deve ser usada em substituição, por exemplo, dos reconhecidos testes de inteligência. Por este motivo, a pesquisa efetuada em torno da prática clínica não tem apoiado o uso dos desenhos na avaliação de problemas emocionais por se considerar que é difícil estabelecer regras que permitam diferenciar os desenhos das crianças ditas normais daquelas que têm problemas emocionais (*ibidem, idem*). Outros clínicos referidos por Malchiodi (1998, p., 8) criticam o uso dos desenhos por considerarem que estes não se classificam facilmente, sendo que esta crítica já teria sido apontada anteriormente por M. Borelli-Vicent citado por Debiegne (1968, p.,91). Este considera que o desenho apesar de ser usado com alguma frequência nunca foi estudado de fora sistemática de modo a permitir o estabelecimento de regras. Os desenhos projetivos, Malchiodi (1998, p., 8), são igualmente criticados por não terem em consideração os aspetos multidimensionais das crianças. Os mesmos consideram que de uma perspetiva psicanalítica o desenho pode ser reducionista evitando que o trabalho da criança seja analisado tendo por base uma perspetiva mais ampla. Por fim, são também referenciados como pouco sensíveis a questões culturais, de classe social e de género, entre outros fatores (*ibidem*, p., 9).

Apesar de os fatores supramencionados apresentarem uma conotação mais negativa apontam-se outros mais favoráveis. Dentro destes salientam-se o facto de o desenho ajudar a estabelecer a relação terapêutica e uma maior concordância entre o profissional e o seu cliente, do mesmo modo que, poderá eventualmente contribuir para a melhor recuperação das crianças, apesar de este facto ainda não estar provado.

Neste contexto, percebeu-se que o desenho poderia ser usado como método auxiliar de diagnóstico da psicopatologia, por exemplo, na esquizofrenia. Os autores atrás mencionados fazem referência, na sua revisão de literatura, a Tardieu (1872) e Lombroso (1876) que apoiam o facto de o desenho auxiliar o diagnóstico da doença mental e, também, de ajudar na compreensão do estado psicológico dos sujeitos com psicopatologia.

Seguidamente, será efetuada uma revisão teórica mais centralizada no Teste do Desenho da Família usado como instrumento de avaliação no presente estudo.

Inicialmente, é considerável mencionar que o Teste de Desenho da Família se trata de uma técnica projetiva que foi inicialmente sugerida por Appel em 1931 e expandido por Wolf em 1942 (Oster & Crone 2004, p., 116). Este foi ainda, tal como refere Debiegne (1968, p., 90) muito estudado por M. Porot e, posteriormente, retomado por Corman. Porém, foi Minkowska que reconheceu o valor projetivo do desenho na evocação de situações conflituosas.

Esta técnica foca-se no estudo da estrutura familiar e tornou-se

reconhecida e amplamente usada em intervenções familiares entre as décadas de 1970 e 1980. Segundo Oster e Crone (2004, p. 116) o Teste de Desenho da Família fornece ao técnico de saúde e de saúde mental informação importante em relação ao meio familiar de um determinado sujeito. Isto é, o desenho irá revelar atitudes para com os membros da família, a percepção dos papéis familiares e, também, as suas relações interpessoais que são muitas vezes expressas por substituições ou exageros em famílias distintas (*ibidem, idem*). Por sua vez, Aires (2003, p. 6) recorda que este é um teste de personalidade que permite ao psicólogo avaliar o estado afetivo da criança e a estruturação da sua personalidade através da análise e da percepção representada pela criança através do desenho. Por outras palavras a técnica em questão permite conhecer a situação do sujeito dentro do seu meio familiar, assim como a forma que este percebe o mesmo (Campos, p. 104).

O autor atrás mencionado recorda que o desenho da família constitui uma representação da forma como a criança interpreta o seu contexto familiar que permite analisar e conhecer melhor os sentimentos que esta nutre pelos elementos projetados e, também, a posição em que a mesma se coloca na sua dinâmica familiar. Assim, Aires (2003, p. 6) lembra que é crucial que a análise do desenho seja feita comparando o desenho da família imaginária com o desenho da família real uma vez que esta irá fornecer dados importantes sobre a percepção da criança relativamente ao seu seio familiar, tendo em consideração que a criança irá projetar-se muito mais na família desenhada através da sua imaginação.

Relativamente ao aspeto projetivo desta prova é considerável ter em conta dois pontos – a projeção da imagem do corpo e a projeção das características atribuídas a cada figura desenhada (*e.g.* se a criança chama aterrorador, pequeno ou enorme a uma determinada personagem), esta análise é considerada um dos pontos mais importantes do teste (Debienne 1968, pp. 92;93). Esta importância é-lhe também atribuída por Aires (2003, p. 10) que recorda que é fundamental que o psicólogo tenha sempre em atenção a exploração do desenho e as valências afetivas atribuídas a cada elemento podendo efetuar-se uma análise a três níveis – gráfico, estruturas formais e conteúdo (*ibidem*, pp. 11-17).

No primeiro nível, Aires (2003, p. 11) remete para a importância da distinção entre a amplitude e a força do desenho. A amplitude do desenho confere dados de análise pertinentes no que respeita ao traçado realizado. Se estivermos perante linhas traçadas num gesto amplo, ocupando uma boa parte da página, pode ser indicador de energia e extroversão. O contrário também se verifica quando se trata de um traçado com linhas curtas.

Por sua vez, a força do traço do desenho indica a espessura do mesmo. Um traço forte, ou seja, “carregado” está relacionado com fatores como agressividade, impulsividade e audácia ao invés de um traço fraco que é indicador de fragilidade e timidez. Contudo, estes dois elementos complementam-se.

É de realçar também o ritmo do traçado, analisando-se a frequência com que a criança repete uma personagem ou mesmo quando utiliza os mesmos pontos e traços em mais do que um elemento. Esta tendência para a repetição rítmica poderá significar perda de espontaneidade e presença de

um ambiente repressivo (*ibidem, idem*).

No que respeita à zona da página ocupada pelo desenho Aires (2003, p., 12) considera que a escolha da zona inferior é um indicador de cansaço, astenia e depressão ao contrário da parte superior da página que remete para imaginação e criatividade. A zona esquerda refere-se a tendências regressivas podendo indicar passividade, falta de iniciativa e até mesmo uma forte dependência dos pais. Por sua vez, a zona da direita corresponde ao desenvolvimento progressivo, capacidade de iniciativa e autonomia.

Por fim, o mesmo autor recorda que é importante o psicólogo estar atento à forma como a criança desenha, isto é, da esquerda para a direita que seria, segundo este, o sentido normal, ou se o faz de forma contrária. Por exemplo, no caso de uma criança destra que desenha da direita para a esquerda, poderemos estar perante a existência de problemas perceptivos.

Relativamente ao segundo nível de análise, o das estruturas formais, Aires (2003, p., 12) recorda que é essencialmente avaliado o grau de perfeição do desenho considerando-se que este constitui um indicador de maturidade bem como uma medida de desenvolvimento. A forma como a criança desenha cada parte do corpo, as suas proporções e a utilização de complementos como a roupa e adornos poderá constituir um marco na análise realizada. É de notar que este fator não está apenas dependente do desenvolvimento intelectual, mas também, de fatores afetivos. Indo ao encontro desta constatação o autor menciona que certas crianças com um elevado desenvolvimento intelectual têm maior dificuldade em atingir a perfeição do desenho devido a fatores emocionais. É importante salientar que o objetivo do desenho da família é a realização de um desenho livre o que leva a deprender que se a criança fosse advertida para a necessidade de um desenho o melhor possível levaria a que esta tivesse um desempenho mais eficaz (*ibidem, idem*).

Por fim, deve ser analisada a estrutura formal do grupo das personagens figuradas, as suas interações mútuas bem como o meio envolvente. Neste caso, analisam-se dois pontos: o sensorial e o racional. O primeiro está relacionado com a elaboração de um desenho que vai além da família onde imperam as linhas curvas e são introduzidos outros elementos que transmitem a ideia de que se está a desenrolar uma ação (*e.g.* elementos da natureza). Por outro lado, no estilo racional salientam-se as linhas retas e uma reprodução estereotipada de personagens que não interagem mas que são frequentemente desenhadas com muito cuidado e detalhadas (Aires 2003, p., 13).

A análise de conteúdo é importante na medida em que o Teste do Desenho da Família é um dos que permitem à criança mostrar a sua conceção pessoal do mundo familiar, afastando-se da realidade. Desta forma, se por um lado a criança poderá desenhar a sua família real quando lhe é pedido que o faça com base na sua imaginação, por outro lado, verifica-se que de um modo geral a criança tende a representar o seu ideal de família e não a realidade.

Neste sentido, salienta-se a importância de comparar a reprodução que é feita com base na imaginação da criança com o desenho da família real de forma a assinalar aspetos importantes que podem indicar em que medida

o estado e o contexto afetivo podem influenciar a percepção real. Assim o autor recorda que a afetividade pode ser vista através de dois tipos de valências: positiva e negativa. A primeira diz respeito a sentimentos de amor que podem levar a criança a dar maior relevo a uma determinada figura no seu desenho. Por outro lado, podem ser demonstrados sentimentos negativos, isto é, de desvalorização e de ódio que conduzem a criança a desvalorizar uma determinada pessoa no seu desenho o que pode estar relacionado com um mecanismo de defesa (*ibidem*, p. 14;15).

Ainda relativamente à valorização Aires (2003, p. 14) recorda que a personagem valorizada é aquela com a qual a criança tem uma relação significativa. Geralmente este tipo de personagem é desenhada em primeiro lugar posicionando-se num lugar de maior destaque, normalmente na posição inicial à esquerda da família, podendo corresponder a um dos cuidadores. No entanto, é importante esclarecer que esta personagem também se pode tratar de uma criança, indicando por isso o seu desejo de estar no seu lugar. Por último, considera-se que no caso de a própria criança se posicionar em primeiro lugar poderá refletir uma certa tendência narcisista.

Segundo o mesmo autor, o fator físico também deverá ser considerado quando se caracteriza a personagem valorizada pois por norma, relativamente aos restantes elementos, esta sobressai-se por ter um físico maior. Existem casos em que o desenho de uma determinada personagem se encontra mais cuidado e com traços mais relevantes, tendo havido um maior investimento criativo na mesma. Por fim, é necessário ter em conta complementos como a roupa, adornos, acessórios, etc. A personagem valorizada é normalmente rica neste tipo de detalhes.

Para Aires (2003, p. 15) é igualmente importante perceber e enumerar os aspetos que levam a que esteja presente a desvalorização. Esta poderá estar representada através da supressão de um dos membros da família o que poderá levar a concluir que esta tem problemas com essa pessoa, levando-a a desejar o seu desaparecimento. É comum que a pessoa excluída seja um dos irmãos, contudo posteriormente a criança tende a racionalizar e a justificar a ausência deste elemento pelo facto de não ter espaço para o desenhar.

Quando a criança não se desenha a si própria tal poderá indicar baixa autoestima e uma significativa desvalorização pessoal e um sentimento de desintegração familiar. Neste caso, Oster e Crone (2004, p. 116) recordam que o facto de a criança não se desenhar a si própria podem estar associados sentimentos de rejeição que podem estar mais presentes em situação de divórcio.

A desvalorização pode também, segundo Aires (2003, p. 15) notar-se através da omissão de algumas partes do corpo e também através de diferentes proporções representadas relativamente às restantes, da sua colocação em último lugar ou à margem da página fornecendo a impressão de que não havia intenção de a desenhar. Existem também casos em que a mesma é colocada desviada das outras ou mesmo abaixo destas;

Segundo o mesmo autor, a personagem pode também ser desenhada com menor cuidado e relevo do que as outras, omitindo-se detalhes importantes, ser-lhe atribuída uma característica negativa, por exemplo, alteração da

idade, ou perante a denominação das restantes personagens, não designar o nome de uma e, por fim, riscar a personagem após a ter desenhado (Aires, 2003, p., 15; 16).

Ainda ao nível da análise do conteúdo do desenho, o autor atrás mencionado salienta a possível existência de personagens acrescentadas revelando que é comum que ao tratar-se de um desenho livre, a criança possa vir a acrescentar personagens imaginárias. Aquando da análise do desenho, o psicólogo deverá ter em atenção a ênfase dada a este tipo de personagens pois quanto mais valorizadas estas forem, mais deverão ser consideradas como importantes na vida da criança. Realça-se também os casos em que a própria criança está ausente do desenho e projeta personagens imaginárias no seu lugar. Podem considerar-se vários cenários - A personagem acrescentada pode surgir como uma máscara o sujeito se pode esconder esta pode identificar-se com um bebé (Debienne 1968, p., 95; Aires 2003, p., 16); Pode tratar-se de uma criança mais velha ou de um adulto pois a criança poderá sentir que desta forma não será punida por maus comportamentos; Pode ser um duplo, na medida em que ao invés de substituir a criança, encontra-se muito próxima dela e está associada a tudo o que ela faz e é, assemelhando-se à mesma em diversos fatores (Aires 2003, p., 16); No caso de ser representado um animal este poderá representar uma forte tendência interdita, agressiva ou um forte desejo de independência (Debienne 1968, p., 95;96).

No desenho realizado pela criança, esta representa os laços existentes entre as personagens, demonstrando assim a forma como esta encara as relações existentes. A aproximação entre duas pessoas, por exemplo, estarem abraçadas ou de mãos dadas significará um maior grau de intimidade entre as mesmas. Porém, para Campos (1969, p., 105) o facto de a criança desenhar a família de mãos dadas e com o pai e a mãe a puxar por si mesma pode indicar que a criança se sente cercada.

Deste modo, é importante ter em atenção que em alguns casos este tipo de aproximação poderá revelar determinados problemas e conduzir o psicólogo nesse sentido. Por outro lado, é também necessário ter em atenção os casos inversos, ou seja, a representação de pais separados no desenho que poderá indicar uma situação de divórcio ou o desejo da criança em dissociar o casal por algum motivo (Aires, pp., 16; 17).

Em alternativa a forma padrão do Teste de Desenho da Família, usada neste estudo, surge o Desenho da Família Cinético neste é pedido à criança que desenhe a sua família durante a realização de uma atividade em conjunto (Oster & Crone 2004, p., 116). Isto porque os autores acreditam que a forma como o sujeito vê o seu sistema familiar pode ser diferente quando este o observa do lado de fora, ou seja, quando está a realizar alguma atividade fora de casa. Neste caso, à semelhança do que acontece com a forma tradicional o profissional deverá analisar as interações e as relações familiares estabelecidas, por exemplo, ao nível do humor, da proximidade, de isolamento e do tamanho das personagens (Cox 2005, p., 246).

Assim sendo, Oster & Crone (2004, p., 119) fazem notar que o uso desta técnica adaptada poderá provocar reações mais fortes nas crianças, uma vez que, estas poderão sentir que não fazem nada em conjunto com as suas famílias ou fazerem-lhe surgir memórias passadas que lhe causem uma

maior frustração. Segundo os mesmos autores as crianças podem desenhar um jantar familiar em que representam os pais numa mesa longa e em posições distantes e opostas um ao outro o que poderá representar a existência de uma distância emocional entre ambos. Do mesmo modo que podem omitir os seus irmãos de forma a camuflar a possível competição existente entre eles. Por outro lado, Cox (2005, p., 247) chama a atenção para outra diferença fundamental desta segunda forma do Desenho da Família. Nesta o examinador está ausente da sala enquanto a criança termina o desenho o que o impede de acompanhar o processo de criação do mesmo. Ou seja, segundo a revisão efetuada por Malchiodi (1998), Golomb (1992) considera que deste modo o profissional não terá conhecimento de possíveis problemas de planeamento com os quais a criança se possa ter confrontado (*e.g.* A criança pode ter desenhado alguns elementos mais pequenos e mais franzinos não por ter problemas emocionais mas porque os desenhou posteriormente e já não tinha espaço). Dentro deste surge uma nova extensão o Desenho da Escola Cinética que se trata de uma adaptação para crianças em idade escolar. Neste caso, é pedido às crianças que desenhe o seu quadro escolar onde se incluiu o próprio, o professor e os amigos durante as suas atividades diárias (Oster & Crone 2004, p., 123).

Uma outra alternativa ao Desenho da Família foi segundo Oster & Crone (2004, p. 120) proposta por Robert Burns em 1990, sendo que esta passa pelo Desenho da Família em Círculo. Neste caso os autores consideram que esta fórmula de desenho permite aos sujeitos perceberem de forma mais clara as relações existentes entre si e os seus pais. A análise do mesmo será efetuada através da visualização da simbologia usada e das possíveis barreiras comunicacionais estabelecidas verificando-se, por exemplo, o grau de proximidade que o sujeito representa entre si mesmo e os seus progenitores (Oster & Crone 2004, p., 120).

Resumidamente, é importante lembrar que apesar das muitas considerações teóricas que envolvem o desenho, o mais importante será respeitar as representações das crianças devido à sua riqueza, singularidade, complexidade e espontaneidade (Malchiodi, 1998 p., 17) É ainda considerável notar que para estes autores as expressões de arte das crianças são, tal como as próprias, individuais e devem ser consideradas dentro de um contexto onde se englobam as suas experiências desenvolvimentais, emocionais, sociais e culturais.

II - Objetivos

Com o presente estudo pretende-se analisar a perspetiva de crianças e adolescentes relativamente ao seu meio familiar. Assim, pretendeu-se identificar as figuras familiares mais valorizadas e de maior suporte vincutivo através do desenho da família.

Objetivou-se igualmente, verificar se as perspetivas dos filhos relativamente aos estilos educativos parentais dos seus progenitores, estão em consonância com as perspetivas dos próprios.

III - Metodologia

O presente estudo pode ser caracterizado como não experimental ou *ex post facto* com recurso a um plano descritivo e transversal.

Este estudo é, segundo Kerlinger (1979 p.,133), de natureza não experimental ou *ex post facto*, uma vez que, não há manipulação das variáveis. Ou seja, estas são estudadas sem serem alteradas. Neste tipo de pesquisas, relembra o autor, não é possível manipular variáveis, ou designar sujeitos ou condições aleatoriamente, sendo esta, uma característica fundamental das pesquisas *ex post facto*.

Relativamente ao plano usado convém salientar que este é descritivo, uma vez que, o investigador apresenta apenas aquilo que encontrou e que resulta do facto de não se possuírem assunções suficientes para formular hipóteses (Ribeiro 1999, p., 25). Rudio (1983, p., 55) acrescenta ainda que a pesquisa descritiva busca conhecer e interpretar a realidade. Por conseguinte, Pinto (1990, p., 46) nota que este tipo de pesquisa procura caracterizar variáveis podendo sugerir eventuais relações entre elas, mas não, estabelecer a natureza da relação que pode ser estabelecida entre as variáveis.

Considere-se ainda que este estudo pode ser considerado transversal visto que se dedica à análise de um único grupo representativo da população em que a recolha dos dados é efetuada num só momento (*ibidem*, p.,42).

3.1. Descrição da amostra

A amostra do presente estudo pode ser considerada, segundo Ribeiro (1999 p., 53;54), não probabilística ou intencional e, também, accidental. Este autor menciona que na amostra não probabilística pode ser incluído qualquer sujeito, desconhecendo-se o quanto este poderá ser representativo da população em estudo. Recorde-se ainda, que a amostra é considerada accidental na medida em que os indivíduos participaram na mesma casualmente (*ibidem*, pp., 53; 54). Para Rudio (1983, p., 51) nas amostras accidentais são considerados os casos que vão surgindo até que se atinja um número específico de casos para estudo.

No caso específico deste estudo pode considerar-se que não existiu uma pré-seleção dos sujeitos participantes uma vez que a sua participação resultou do facto de estes se mostrarem uma população de maior acessibilidade.

Para esta pesquisa foram contactados um total de 141 sujeitos englobando crianças e adolescentes e os seus respetivos pais. Porém, participaram neste estudo apenas 90 (64%) sujeitos dos 141 iniciais.

Assim, a amostra em estudo é composta por 30 (33%) sujeitos entre crianças e adolescentes e 60 (67%) pais. Dos 30 sujeitos 15 (50%) são crianças, 10 (33%) do sexo feminino e 5 (17%) do sexo masculino, e os restantes 15 (50%) adolescentes sendo que 11 (37%) são raparigas e 4 (13%) rapazes, com idades compreendidas entre os 7e os 14 anos de idade. Estes encontram-se a frequentar anos de escolaridade distintos que abrangem o 2º, 4º, 6º e 8º ano de escolaridade.

Quanto à sua situação familiar cerca de 93% vivem com os dois progenitores em que cerca de 83% tem pelo menos um irmão e 17% são filhos únicos.

Na presente amostra estão, igualmente, incluídos 60 pais com um intervalo de idades entre os 31 e os 60 anos de idade, na sua maioria casados (90%).

Procedendo-se à análise da situação escolar e profissional destes pais verifica-se que aproximadamente 27% dos sujeitos concluíram o terceiro ciclo do ensino básico; 23% o 4º ano do ensino primário, 18% completaram o 2º ciclo do ensino básico, 13% o ensino secundário, 8% têm uma licenciatura, 3% um bacharelato e, por fim, 2% terminaram uma pós-graduação e o 2º e o 5º ano de escolaridade.

Em relação à situação profissional destes sujeitos, segundo a Classificação Portuguesa de Profissões publicada em 2011, é de notar que apenas 3% do total se encontram em situação de desemprego sendo que os restantes 97% se encontram empregados e exercem maioritariamente funções que se enquadram no grupo 5 (35%) e 7 (32%). Nestes dois grupos, respetivamente, englobam-se profissões relacionadas com serviços pessoais de proteção, de segurança e de venda (*e.g.* comerciantes de vestuário, de construção e automóveis incluídos nesta amostra) e, também, trabalhos na indústria, construção e artífices visíveis nos sujeitos analisados, uma vez que, grande parte trabalha na indústria de calçado ou desempenha funções variadas na construção civil (Carvalho, 2011). Acrescente-se ainda que cerca de 12% dos pais exercem profissões que se enquadram no grupo 2, 5% nos grupos 1, 4 e 8, seguindo-se de apenas 3% dos sujeitos no grupo 3 e finalmente 2% dos sujeitos situam-se no grupo 9 referente a trabalhos não qualificados que diz respeito a tarefas simples e de rotina, na qual se pode recorrer a máquinas, ferramentas e algum esforço físico, nomeadamente, funcionário na área da limpeza (*ibidem, idem*). É ainda considerável mencionar que nenhum dos nossos sujeitos se enquadra no grupo 0 e no 6, para obter uma descrição mais detalhada das profissões incluídas em cada grupo poderá ser consultado o anexo A.

No que respeita à área de residência dos participantes envolvidos neste estudo é de notar que a totalidade reside em localidades pertencentes ao distrito do Porto.

Por fim, é de notar que os restantes 51 (36%) sujeitos retirados da amostra inicial não foram incluídos na amostra por diferentes motivos. Em 18% destes casos ficou em falta o questionário *EMBU-P* referentes aos pais, uma vez que estes, não efetuaram o seu preenchimento; 2% desistiu de colaborar e outros 2% não responderam ao questionário devido à situação de divórcio em que se encontravam ainda e ainda em igual percentagem regista-se uma outra situação em que uns pais se ausentou do país no decorrer da investigação, por fim, é de notar uma de 10% dos quais só existe o Desenho da família dado que os sujeitos não compareceram para a realização dos restantes questionários e análises necessárias à data combinada com os mesmos.

3.2 Instrumentos

No presente estudo optou-se por aplicar uma bateria de questionários/testes constituída por um Consentimento Informado, Questionário *Sociodemográfico*, o Teste do Desenho da Família e os

Questionários *EMBU-C*, *EMBU A* e *EMBU-P* em consonância com a população alvo deste estudo.

A aplicação dos mencionados instrumentos decorreu entre os meses de Fevereiro a Maio de 2014. A realização dos desenhos foi efetuada na presença do examinador pois tal como lembra Aires (2003, p. 7), a forma como o desenho é realizado é praticamente tão importante como o desenho final. Logo é fundamental que o psicólogo esteja presente e atento ao desempenho da criança.

O mesmo procedimento foi adotado durante a aplicação do questionário *EMBU-C* e *EMBU-A*. Apenas a aplicação do questionário *EMBU-P* não foi efetuada na presença do examinador de modo a facilitar a participação dos pais pois estes mostraram-se indisponíveis para o preenchimento presencial.

Consentimento Informado

Numa fase inicial foi redigido um consentimento informado (cf. anexo B1; B2) com a finalidade de explicar a investigação aos participantes assegurando a sua participação e, também, a dos seus filhos uma vez que esta só se poderia efetivar após a autorização dos progenitores.

Segundo Ribeiro (1999, p. 33) o consentimento informado é um aspeto importante numa investigação, uma vez que, este deve simultaneamente informar, motivar e solicitar a participação do sujeito na investigação.

Questionário Sociodemográfico

Para este estudo foram construídos dois *questionários sociodemográficos* um para as crianças e adolescentes (cf. anexo C) e outro para os pais (cf. anexo D) com o intuito de melhor caracterizar a amostra.

No questionário direcionado às crianças e adolescentes foram incluídas questões relacionadas com a idade, o sexo, a freguesia ou distrito de residência, a escolaridade, o número de irmãos e a sua posição na fratria. O questionário dirigido aos pais difere deste na medida em que não são incluídas perguntas em relação à fratria, acrescentando outras relacionadas com o estado civil e a profissão dos sujeitos.

Teste de Desenho da Família

Segundo Oster e Crone (2004, p. 116) o Teste de Desenho da Família constitui um indicador projetivo da personalidade que se foca na compreensão da estrutura familiar. Aires (2003, p. 6) nota que este teste constitui um material projetivo importante na medida em que poderá contribuir, positivamente, para o início e estabelecimento de uma relação terapêutica com as crianças que, de um modo geral, aceitam a tarefa com agrado. Acrescenta igualmente, que o uso clínico desta técnica auxilia na avaliação do estado afetivo da criança, da construção da sua personalidade e também na sua representação do contexto familiar em que se insere. Sendo

Perspetivas da dinâmica familiar através do Teste de Desenho da Família e do *EMBU*
Carla Elisabete Martins (Carla.elisabete7@hotmail.com) 2014

que, este último objeto de análise do presente estudo, uma vez que, se pretende analisar a perspectiva de crianças e adolescentes em relação ao seu contexto familiar, assim como, quais as figuras vinculativas de maior relevância.

Quanto à aplicação deste teste Oster e Crone (2004 p., 116) salientam que as instruções para a sua realização são mínimas, o examinador deverá fornecer um papel e lápis e pedir ao sujeito apenas que desenhe a sua família. Porém, Aires (2003, p., 6) menciona que é importante pedir, inicialmente, que desenhe uma família da sua imaginação e posteriormente a sua família real para que a sua expressão livre do desenho não seja comprometida e a criança faça uma melhor projeção. Este relembra também que o desenho deverá ser acompanhado por uma entrevista ou história contada pelo sujeito. Neste estudo especificamente foi elaborada uma grelha de análise para acompanhar a avaliação e interpretação do Teste do Desenho da Família (cf. anexo E) seguindo as questões sugeridas por Aires (2003 p., 9).

EMBU- Crianças 6-12

Este instrumento (*EMBU-C*), reconhecido como o instrumento de auto relato mais usado na avaliação dos estilos educativos parentais, foi inicialmente desenvolvido em Espanhol por Castro e seus colaboradores e tem como objetivo avaliar a percepção das crianças em relação aos estilos educativos parentais dos progenitores (Canavarro & Pereira, 2007).

A versão portuguesa foi efetuada por Canavarro e baseou-se na versão, *Egna Minnen av Bardoms Uppfostram (EMBU)*, para adultos de 1980 desenvolvida por Perris, Jacobson, Lindstrom, von Knorring e Perris. No processo de aferição para a população portuguesa os autores procuraram manter o significado das questões originais, o formato do questionário e as opções de resposta (*ibidem, idem*).

Este instrumento é construído por 32 itens e encontra-se organizado em três fatores: Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo, numa escala de tipo likert em que 1 é “Não, Nunca” e 4 é “Sim, sempre”.

Relativamente ao fator suporte emocional este é definido como um comportamento desenvolvido pelos pais que faz com que a criança se sinta confortável na sua presença e se sinta também aprovada e aceite pelos próprios (Canavarro & Pereira, 2007). No que diz respeito aos dois fatores restantes, as mesmas autoras consideram que a tentativa de controlo visa orientar o comportamento das crianças, de modo a que, este seja consonante com o idealizado pelos pais. Por fim, a dimensão rejeição é percebida como uma tentativa dos pais de modificar a vontade dos filhos e estes, por sua vez, sentem uma pressão por parte dos pais para se comportarem de acordo com aquilo que eles desejam (*ibidem, idem*).

EMBU- Adolescentes

A aferição portuguesa deste instrumento (*EMBU-A*) baseou-se no questionário *A Parental Rearing Style Questionnaire For Use With Adolescents* desenvolvido por Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Perspetivas da dinâmica familiar através do Teste de Desenho da Família e do *EMBU*

EmmellKamp em 1991, com a finalidade de avaliar a percepção das práticas parentais por parte dos adolescentes (Almeida, 2005).

A aferição portuguesa deste instrumento foi efetuada por Lacerda em 2005 no âmbito da sua dissertação de mestrado. Desta resultou uma versão final com 48 itens que à semelhança do questionário anterior se encontra organizado em três fatores sendo, igualmente, a resposta dada através de uma escala de tipo likert.

EMBU- Pais

O instrumento *EMBU-P* foi inicialmente desenvolvido em Espanhol procurando avaliar os estilos educativos parentais na perspetiva dos progenitores em três fatores equivalentes à dimensão original. No entanto, foram efetuadas pequenas modificações na formulação dos itens alterando o tempo verbal do passado para o presente (Canavarro & Pereira, 2007).

A versão final deste instrumento é constituída por 42 itens distribuída por três fatores à semelhança dos que já foram descritos anteriormente.

3.3 Procedimentos

Este estudo realizou-se junto de um conjunto de crianças e adolescentes pertencentes a vários grupos de catequese, pois estes mostraram-se uma população mais acessível.

Num primeiro momento, foram contactados os pais de todos os sujeitos, de modo a ser explicados presencialmente, todos os contornos deste estudo, obter o consentimento informado dos mesmos e convidá-los a participar. Após a sua autorização foram entregues aos pais os respetivos questionários para preenchimento, sendo que, em alguns casos estes foram preenchidos na presença do investigador.

Num segundo momento, foi estabelecido um primeiro contacto com as crianças e adolescentes para que, de um modo geral, lhes fosse explicado o que iriam fazer, caso aceitassem participar no estudo.

Posteriormente, foi definido individualmente um horário de acordo com a disponibilidade de cada sujeito para a realização do Teste de Desenho da Família e para o preenchimento dos questionários *EMBU-C* e *EMBU-A* conforme a idade da criança em questão.

Note-se que quer a realização dos desenhos quer o preenchimento dos questionários atrás mencionados, foram sempre realizados na presença do investigador. O preenchimento presencial tornou-se um fator importante para que o investigador pudesse acompanhar o processo de elaboração do desenho o que contribui para uma análise melhor e mais detalhada, permitindo também o esclarecimento de eventuais dúvidas no decorrer do preenchimento dos questionários.

IV – Resultados

A realização dos desenhos foi de, um modo geral, bem aceite e realizada com contentamento por todas as crianças que se mostraram entusiasmadas e empenhadas com a tarefa. Tal como já foi referido anteriormente esta é uma tarefa que, de um modo geral, é aceite com agrado

Perspetivas da dinâmica familiar através do Teste de Desenho da Família e do *EMBU*
Carla Elisabete Martins (Carla.elisabete7@hotmail.com) 2014

podendo contribuir para a construção de uma relação positiva e próxima com a criança (Aires 2003, p., 6).

O mesmo não se verifica com os adolescentes que se mostraram um pouco mais resistentes a esta tarefa afirmando várias vezes que “desenhar é para meninos” ou “não sei desenhar”, por este motivo, tornou-se necessário especificar que a forma como iriam desenhar não seria alvo de avaliação acabando por motivar a sua participação. Para a realização dos desenhos foram disponibilizadas folhas brancas, lápis de carvão, lápis de cor e borrachas. Em geral, os desenhos têm boa apresentação notando-se que apenas 7% dos sujeitos usou a borracha para refazer algumas figuras humanas e animais.

Acrescente-se que além do desenho da família as crianças e adolescentes foram acrescentando outros elementos, tais como: animais (43%), sol (20%), nuvens (20%), casa (7%) e árvores (7%) e que apenas um sujeito (3%) pediu para pintar o desenho recorrendo às seguintes cores: Castanho, Rosa, Vermelho, Verde, Preto, Azul e Roxo (cf. anexo F1; F2).

No que concerne à apresentação dos resultados direcionados para o Teste de Desenho da Família verifica-se que a maioria das crianças e adolescentes não apresentaram diferenças entre a posição dos desenhos (77%), a composição familiar apresentada (57%) e as respostas dadas ao questionário do desenho (60%) entre a família imaginária e a família real. Por este motivo, a análise dos resultados da família imaginária e real serão considerados globalmente.

Considere-se ainda que apenas 7% das crianças desenharam a sua família real quando lhes foi pedido que desenhasse uma família da sua imaginação o que, segundo Aires (2003, p., 10), pode representar uma maior tendência para a racionalidade, uma vez que, a criança não se desliga do real. Assim, prosseguindo com os resultados obtidos e a sua respetiva análise é de notar que esta irá seguir os pressupostos sugeridos por Aires (2003, p., 11-17), que defende que, o Teste de Desenho da Família deverá ser efetuada considerando três níveis o gráfico, formal e de conteúdo.

No nível gráfico, é pertinente avaliar-se a amplitude, a força e o ritmo do traço empregue no desenho, bem como, a zona da página que este ocupa e a direção em que este é apresentado.

No caso dos desenhos recolhidos nesta amostra verificou-se que a maioria dos sujeitos desenhou recorrendo a um traço pouco amplo (80%) e carregado (57%) seguindo um ritmo equivalente em todas as figuras desenhadas. Isto é, em apenas 7% dos casos analisados se verifica a repetição dos mesmos traços sendo estes simétricos de uma personagem para outra. Finalmente, no que concerne à zona de ocupação da página verificou-se em cerca de 50% da população da amostra uma tendência para a ocupação da zona inferior esquerda, efetuando o desenho da esquerda para a direita que é, segundo Aires (2003, p., 12), o sentido natural do desenho que se verificou em 90% dos casos.

Em relação ao segundo ponto desta análise, as estruturas formais, importa fazer referência ao grau de perfeição do desenho e a estrutura formal do corpo das figuras desenhadas. Aproximadamente 43% dos sujeitos reconhece a estrutura corporal das figuras representadas do mesmo modo

que outros 43% não só reconhecem a sua estrutura corporal como acrescentam detalhes essencialmente de vestuário. Por este motivo, é igualmente visível a predominância do estilo sensorial em 67% dos casos em análise. Nestes imperam as linhas curvas e acresce outros elementos além da família, por exemplo, relativos à natureza, tais como, o sol (20%), as nuvens (20%), as árvores (7%) e os animais (43%).

Por último, o terceiro ponto de análise, o conteúdo, avalia a valorização e desvalorização das figuras, a existência de personagens acrescentadas e ainda se existe ou não um estabelecimento de laços e relações entre as personagens.

Quanto à valorização note-se que cerca de 80% dos sujeitos valoriza a figura materna na família imaginária e 53% valoriza a mesma figura na família real. É de notar que as percentagens obtidas, neste caso, não estão restritas apenas à observação da primeira personagem desenhada, uma vez que este é um dos elementos que pode significar valorização. Em 43% dos casos verificou-se que a figura a qual havia sido atribuído um maior significado, foi respetivamente desenhada como primeiro elemento. Em 3% dos casos, esta atribuição baseou-se no destaque dado a essa figura através do tamanho, isto é, devido ao facto da figura de maior significado ser desenhada em proporções diferentes das restantes. Por outro lado, a análise da figura com maior significado baseou-se também nas respostas dadas no questionário onde a figura materna é frequentemente mencionada como “a mais simpática”, “a mais feliz”, “a que mais cuida e mais se precisa”.

Quanto à personagem desvalorizada em cerca de 50% é o pai tanto para a família imaginária como para a família real. Este é muitas vezes referido como “o que manda mais”, “o mais chato”, “o que dá mais castigos”, “o que nunca quer brincar e passear”. Sendo que na questão “Se fossemos dar uma volta de carro e não houvesse lugar para todos quem ficaria em casa?” Este é referido em aproximadamente 37% dos casos como o elemento que não participaria no passeio por razões como “prefere ficar em casa”, “as crianças precisam mais da mãe”, “está mais cansado” e “tem que trabalhar”. Uma outra forma de desvalorização passa pelo facto de o sujeito não se desejar a si próprio o que se verifica em apenas um caso equivalente a 3% da população em estudo mencionado “pensei que não era para me desenhar”.

No que diz respeito ao acréscimo de personagens é de notar que apenas 7% das crianças desenharam um “irmão” ou “irmã” bebé.

Relativamente ao estabelecimento de laços e relações note-se que apenas 7% dos sujeitos os estabeleceram, essencialmente entre irmãos e entre os pais.

Assim, a interpretação destes resultados e do próprio desenho permitirá conhecer os sentimentos que as crianças e os adolescentes têm em relação aos seus cuidadores e outros familiares, assim como, a posição em que os próprios se colocam na sua dinâmica familiar (Aires, 2003 p., 6).

Tendo em consideração a análise dos desenhos recolhidos com os dados do *EMBU-A* e *EMBU-C* é considerável mencionar que cerca de 23% dos sujeitos que valorizam a figura materna no Teste de Desenho da Família atribui à mesma personagem valores mais altos na dimensão suporte emocional. Dando continuidade à análise dos resultados obtidos nos

questionários supra mencionados é de notar que apenas 33% dos sujeitos revelaram resultados normativos para ambos os progenitores. Analisando a atribuição de resultados associados aos pais é necessário ter em conta que a dimensão que regista mais vezes resultados acima da média é a que diz respeito ao fator rejeição. Por sua vez, a que denota maioritariamente valores abaixo da média é o fator suporte emocional.

De um modo geral, considerando-se as dimensões do questionário (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo/sobreproteção) não são notórias grandes diferenças entre os progenitores. Assim, considerando-se as dimensões suporte emocional e rejeição verifica-se que estas são ainda que, com uma diferença mínima, maioritariamente atribuídas à figura materna. Isto é, cerca de 30 % dos sujeitos atribui pontuações mais elevadas à mãe nas dimensões anteriormente mencionadas, visto que, em relação à figura paterna tal se verifica em 27% dos casos em análise. Note-se que apenas na dimensão tentativa de controlo se reconhece uma maior discrepância entre os progenitores, uma vez que, cerca de 47% dos sujeitos valoriza esta dimensão na figura paterna e apenas 27% a valoriza em relação à mãe.

No caso do *EMBU-P* em que são avaliadas as perspetivas dos próprios progenitores em relação aos seus estilos educativos parentais, analisando caso a caso, verifica-se que em apenas 10% dos casos a perspetiva dos pais corresponde exatamente à perspetiva dos seus filhos. Ou seja, os pais tendem a valorizar as mesmas dimensões que os filhos. Por sua vez, comparando a análise dos dois progenitores é possível aferir-se que a maior parte dos pais (77%) registam pontuações muito semelhantes em todas as dimensões do *EMBU-P* e apenas 12% dos sujeitos registam valores discrepantes entre si, essencialmente, nos fatores suporte emocional e tentativa de controlo. Isto é, o fator suporte emocional tende a ser valorizado pela mãe enquanto a tentativa de controlo pelo pai à semelhança do que se verifica na perspetiva das crianças e adolescentes já anteriormente citada.

Analisando a distribuição destes resultados registam-se médias mais discrepantes que nos casos citados anteriormente. Assim, cerca de 20% das mães atribuem valores mais elevados a si próprias na dimensão suporte emocional, à semelhança do que acontece no *EMBU-C* e no *EMBU-A*, e também no fator tentativa de controlo sendo que esta última é anteriormente mais associada à figura paterna.

No que respeita à perspetiva do pai é de realçar que aproximadamente 12% destes atribuem maior significado aos fatores suporte emocional e tentativa de controlo e cerca de 17% ao fator rejeição. Estando a valorização do fator tentativa de controlo em consonância com as tendências verificadas na perspetiva das crianças e dos adolescentes.

V - Discussão

A análise dos desenhos obtidos no presente estudo torna-se relevante uma vez que o modo como a criança se irá reproduzir no seu meio familiar permite entender como é que a criança e/ou adolescente vivência e se insere no seu meio familiar (Aires, 2003 p., 6).

Antes de mais é importante realçar alguns aspetos também este

dignos de análise, isto é, o facto das crianças e adolescentes em análise terem incluído outros elementos, já citados, no desenho da sua família e também o recurso à cor, apesar de esta só ter sido usada apenas por um sujeito.

Quanto aos elementos acrescentando ao desenho da família, citados anteriormente, Bédard (1988, p., 41) lembra que o sol poderá representar a figura paterna e que desenhado a esquerda da folha nos pode indicar o passado ou a ligação com a mãe enquanto desenhado à direita nos dá informação acerca da percepção das crianças e adolescentes em relação à sua figura paterna. Assim, o mesmo autor, menciona que este elemento poderá remeter para uma mãe autónoma, mas também, um pouco invasora o que poderá ir de encontro à valorização da figura materna mencionada mais à frente. O mesmo acontece entre a simbolização do sol à direita e sua representação da figura paterna e a sua desvalorização. Isto é, o sol representado à direita da página como elemento simbólico do pai pode significar alguma violência verbal ou física por parte do pai o que poderá constituir um dos motivos para o sentimento atrás mencionado (*ibidem, idem*).

No que diz respeito à simbologia associada à nuvem Bédard (1988, p., 43) remete para a sensibilidade da criança em relação à sua atmosfera parental e para a consciência que estas têm de que tanto podem estar repletos de momentos agradáveis como desagradáveis, apesar de a maioria das crianças não fazer referência a ambientes familiares desagradáveis e não mostrarem vontade de modificar algo na sua família. Por sua vez, quanto ao desenho da árvore à qual o autor mencionado atribui uma elevada importância, referida anteriormente, encontra-se nesta pesquisa representada com um tronco alto e de base larga que indicam simultaneamente uma criança saudável que repõe rapidamente a sua energia e capaz de se afirmar perante a sociedade. Acrescente-se que o facto de a árvore em análise apresentar folhagem remete também para uma criança ou adolescente capaz de ter ideias e projetos (*ibidem, p., 46*).

É ainda digno de nota o facto de os sujeitos terem recorrido ao desenho de animais essencialmente no caso do desenho da família imaginária, uma vez que, o recurso a estes pode ajudar a criança a comunicar uma necessidade (Bédard, 1988 p., 48), uma tendência para agressividade ou ainda um forte desejo de independência (Debienne 1968, p., 95;96).

Nos desenhos efetuados nesta pesquisa estão representadas maioritariamente famílias de cães e de pássaros. A representação do cão pode representar uma criança inquieta e que adora companhia o que poderá indicar a vontade da criança em estar com a sua família. Por seu turno o desenho do pássaro representa e si mesmo curiosidade, alegria e vontade de realizar muitas coisas ao mesmo tempo.

Em relação ao uso da cor tendo em especial atenção as cores supra mencionadas é de realçar que Bédard (1988, p., 26-33) considera que cada uma delas pode ser interpretada de forma positiva e negativa conforme a simbologia que lhe está implícita. Segundo este autor, por exemplo, o castanho tem uma valência positiva quando bem integrado no desenho e pode refletir-se numa criança estável, minuciosa, paciente, no entanto, mais

lenta na sua reação aos acontecimentos. Por sua vez, Campos (1969, p., 108) considera que a utilização desta cor pode representar culpabilidade. Em relação ao rosa, Bédard (*ibidem*, p., 27- 31) recorda que este mostra doçura e ternura, mas também, uma maior vulnerabilidade. Quanto ao vermelho o autor sugere que este é indicador de energia e de agressividade indo de encontro à força do traço empregue pela criança em questão, uma vez que, esta apresenta um traço forte e carregado que se faz transparecer de um lado ao outro da folha. Este chama ainda à atenção para a junção do preto e do vermelho que pode numa criança que, à partida, não é agressiva indicar ansiedade e angústia. No entanto, Campos (1969, p., 108) considera que a junção destas duas cores poderá indicar auto-agressividade e tendência para o suicídio. Em relação ao verde o mesmo autor lembra que este pode refletir alguma inibição ou fraqueza emocional o que de certo modo vai contra o pensamento de Bédard (*ibidem*, p., 29;30) que apela à curiosidade, conhecimento e bem-estar, porém, se o verde for mal usado no desenho poderá também indicar que a criança sente-se superior aos outros. Por sua vez o azul poderá sinalizar a criança como mais introvertida e, também, segundo Campos (1969, p., 107) depressiva, calma, triste e com desejo de se afirmar. Enquanto o amarelo à semelhança do verde simboliza conhecimento, curiosidade e alegria mais relacionada com sujeitos generosos, extrovertidos, otimistas e ambiciosos. Por fim, Bédard (1988, p., 32) refere-se ao roxo como representativo de uma criança que tanto se mostra introvertida como extrovertida. Campos (1969, p., 108) refere-a como indicadora de paixão, depressão, realização e paz.

Por conseguinte, a análise das tendências verificadas através dos resultados supra mencionados será igualmente organizada em três pontos distintos à semelhança do que acontece no ponto anterior seguindo as orientações fornecidas por Aires (2003, p., 11-17).

A nível gráfico a predisposição verificada aponta para a pouca amplitude dos desenhos poderá, segundo o mesmo autor, indicar introversão, falta de energia, inibição (*ibidem*, p., 11), inquietação, retração em relação aos outros e uma menor necessidade de se afirmar uma vez que estes se contentam com pouco espaço podendo estar presente em indivíduos mais calmos e com maior apetência para o sonho (Bédard, 1998 p., 16). Segundo o mesmo autor a força do traço representa entusiasmo, vontade e agressividade quanto mais forte este se mostrar (*ibidem*, p., 18). Aires (2003, p., 11) considera igualmente que a espessura do traço está relacionada com agressividade, impulsividade e audácia.

A zona da página onde se encontra o desenho tem também uma significação gráfica neste caso é maioritariamente ocupada a zona inferior esquerda da página que faz referência a tendências para o cansaço, astenia, depressão e tendências regressivas podendo ser sinónimo de alguma passividade, falta de iniciativa e de afirmação e de uma forte dependência dos pais (Aires 2003, p., 12). Por sua vez, Bédard (1998 p., 14; 15) considera que a zona inferior esquerda da página pode indicar a existência de necessidades físicas por parte da criança sendo que o lado esquerdo da página pode indicar que o pensamento da criança está direcionado para o passado podendo não estar a viver o momento presente e a não antecipar o

futuro.

É de ressaltar igualmente que a maioria das crianças desenhou de acordo com o que para Aires (2003, p. 12) é o sentido natural, isto é, da esquerda para a direita.

Segue-se a análise do segundo ponto, o nível das estruturas formais.

Neste são analisados fatores, tais como, a grau de perfeição do desenho e a estrutura formal do corpo.

No grau de perfeição do desenho é necessário ter em conta o modo como cada criança e adolescente desenha cada parte do corpo, procura e representa detalhes e acrescenta vestuário ou outros acessórios. Tal, aconteceu nesta amostra onde os sujeitos acrescentam muitas vezes pormenores relativos ao vestuário e acessórios como por exemplo óculos. Esta poderá ser uma medida de desenvolvimento e um indicador de maturidade do sujeito que podem ser influenciadas por fatores afetivos e pela estruturação da personalidade. Aires (2003, p.7) recorda que, por exemplo, algumas crianças inteligentes revelam um desempenho inferior devido à intervenção de fatores emocionais.

No que diz respeito à estrutura formal do grupo familiar representado, este é maioritariamente marcado por um estilo sensorial que remete para um interesse geral pela estimulação emocional, espontaneidade e sensibilidade para o ambiente exterior envolvente.

Por fim, colocando em análise o terceiro ponto relativo ao conteúdo é de salientar que neste contexto será importante analisar deformações, acréscimos e supressões notórias na família imaginária que irá corresponder à representação e ao desejo da criança.

Assim, o investimento numa figura ou a sua valorização traduz, segundo Aires (2003, p. 14), sentimentos de admiração, amor, inveja ou temor, neste caso, pela figura materna. Por sua vez, a desvalorização relativa essencialmente à figura paterna poderá, segundo o mesmo autor, remeter para afetos negativos evidenciando sentimentos de desvalorização, ódio e agressividade podendo igualmente remeter para sentimentos de negação que poderão ocorrer como um mecanismo de defesa ou, muitas vezes, imaturidade afetiva, inadaptação ao real, angústia e culpabilidade. No caso do sujeito que não se desenha a si próprio assumindo-se a sua desvalorização poderá mostrar que a criança poderá ter uma baixa autoestima, elevada desvalorização pessoal está poderá não se enquadrar na família ou sentir-se mal com a sua posição atual dentro da mesma (*ibidem*, p. 15). Isto é, o sujeito pode sentir-se rejeitado ou desejar afastar-se (Campos 1969, p. 104), tal pode acontecer essencialmente em situações de divórcio ou durante a separação podendo também ser vividos por filhos adotivos especialmente durante a adolescência quando os problemas de identidade se tornam visíveis (Oster & Crone 2004, p. 116; 117).

Relativamente às personagens acrescidas na família é de notar que estas poderão ser vistas como personagens importantes para a criança, tal vai ao encontro ao desejo que os sujeitos manifestavam em ter um irmão ou irmã mais nova. Acrescente-se igualmente, que no caso a representação de uma bebé pode remeter para tendências regressivas.

Por fim, quanto ao estabelecimento de laços e relações estes

mostram o modo como as crianças encaram essas mesmas relações sendo que, nesta amostra, a representação da família de mãos dadas mostra que está patente, segundo Aires (2003, p.16) um maior grau de intimidade, essencialmente, entre irmãos e entre os pais por estes serem os membros onde graficamente se estabelece essa proximidade. Por sua vez, Campos (1969, p., 105) recorda que o facto de um determinado sujeito representar graficamente a sua família de mãos dadas denota a forma como o sujeito se vê no seu meio familiar podendo este ser sinónimo de alguma restrição quando os pais são representados como se estivessem a puxar a criança ou adolescente. Segundo a mesma autora, quando o sujeito desenha a família em grupos, por exemplo, quando estabelece os laços separadamente entre os pais e os irmãos poderá representar a existência de alguma divisão familiar.

Colocando em análise as tendências obtidas nos questionários relativos à perspectiva dos estilos educativos parentais é notório que as crianças e adolescentes tendem a perceber a mãe como a figura que lhes confere um maior suporte emocional, o mesmo se verifica na perspectiva da própria mãe que tende igualmente a atribuir valores mais altos a este fator.

Assim, o suporte emocional foi definido como um tipo de comportamento em que os progenitores fazem o seu filho sentir-se confortável e aprovado demonstrando-lhe encorajamento, aprovação, amor e carinho através de expressões verbais e físicas (Canavarro, 1996), sendo que, estes fatores estão, nesta amostra, mais associados à figura materna tal como já foi referido anteriormente.

À semelhança do que acontece no presente estudo também na investigação de Reichert & Wagner (2007) a mãe é considerada a figura que estabelece maior intimidade com os filhos e, também a que mais se envolve e preocupa com a educação dos mesmos apesar de, por vezes, dada esta proximidade tender a se intrometer mais em assuntos particulares dos seus filhos. No entanto, segundo Pereira, Canavarro, Cardoso e Mendonça (2009), consideram que as crianças que atribuem valores mais elevados no suporte emocional aos seus progenitores têm também uma maior facilidade em perceber o controlo parental como legítimo e como resultado do envolvimento e cuidado parental. Assim, o controlo parental poderá ser observado como um conjunto de atividades que denotam preocupação por parte dos pais e que implicam a imposição de limites, de forma culturalmente adequada, em crianças de determinada idade (Hoghugh 2004, pp., 7;8).

Deste modo, tendo em consideração que a parentalidade é influenciada por alguns elementos educacionais, tais como, o calor humano, o incentivo à maturidade, o envolvimento, a procura e a supervisão e, também, que os pais quando envolvidos no processo de socialização dos filhos agem de acordo com um determinado estilo educativo parental (Reichert & Wagner, 2007), será possível levantar uma hipótese em torno da percepção de suporte emocional referida neste estudo. Assim, tendo por base os sentimentos característicos do fator supramencionado e a percepção de suporte sentida pelas crianças e adolescentes, de que a figura materna poderá, por isso, ser caracterizada como tendo um estilo educativo autorizado. Uma vez que este se caracteriza pela existência de um ambiente

familiar caloroso e afetivo e, também de algum suporte, dado que, neste estilo parental é esperado que os pais forneçam orientações comportamentais aos seus filhos tendo em consideração os interesses e necessidades dos mesmos (Sprinthall & Collins 1988, p. 299).

No caso da figura paterna é notório que a dimensão mais significativa é a sobreproteção ou tentativa de controlo que diz respeito a comportamentos de controlo levados a cabo pelas figuras parentais que inclui a intrusão na vida dos filhos, o contato excessivo com os filhos que procuram impedir a independência dos mesmos (Canavarro, 1996). Assim, os progenitores do sexo masculino são considerados pelos sujeitos em análise como o elemento que exerce maior controlo na família que poderá ainda ser reafirmado pelas respostas dadas ao questionário do desenho da família em que as crianças e os adolescentes referem que o pai é a figura que “manda mais”, “impõe mais regras” e que “dá mais castigos”.

Deste modo, considerando a informação anteriormente citada é possível verificar que as tendências obtidas nesta amostra são congruentes com as obtidas noutros estudos. Segundo Reichert & Wagner, (2007) cerca de 12% dos sujeitos do seu estudo, realizado em Porto Alegre, tendem também a considerar os pais como autoritários, descrevendo-os como controladores e pouco afetuosos. Por este motivo, os autores remetem para a importância da afetividade que segundo estes tem-se tornado excessivamente valorizada em detrimento de uma educação mais controlada e acompanhada, o que segundo os autores poderá, em parte, ser explicado pelos fatores sócio contextuais, aos quais se fez referência anteriormente, que influenciam a parentalidade. Isto é, para os autores mencionados o facto de as figuras parentais trabalharem fora e estarem, portanto, menos disponíveis para os filhos poderá estar a provocar o enfraquecimento do exercício da parentalidade.

Recorde-se ainda que a tentativa de controlo pode também ser observada por algumas crianças como um inibidor à sua autonomia pessoal, ou como uma forma de demonstrar poder (Pereira *et. al.*, 2009) à semelhança da atitude dos progenitores descrita no estilo educativo autoritário. As mesmas autoras recordam que esta atitude parental poderá levar as crianças a criar alguma resistência à autoridade parental e à sua tentativa de os controlar.

Assim, é igualmente digno de nota que à semelhança do caso anterior será possível encontrar características comuns entre a valorização da dimensão tentativa de controlo e do estilo educativo autoritário. Neste os progenitores têm tendência para se mostrar um pouco mais rígidos e controladores podendo hipoteticamente recorrer a medidas violentas e punitivas (*e.g.* castigos) com a finalidade de obter respeito. A este estilo está também associada alguma frieza ou distanciamento (Sprinthall & Collins, 1988 p. 298) o que poderá igualmente remeter para os valores obtidos no fator rejeição que serão descritos mais à frente.

Resumidamente, também no estudo desenvolvido por Pereira *et al.* (2009) se mostrou frequente a referência aos fatores suporte emocional e tentativa de controlo em cerca de 29.5% dos sujeitos. Segundo as mesmas autoras, este é o modelo que ocorre mais frequentemente, caracterizado por

níveis altos de suporte e controlo parental. Recorde-se igualmente que este é apontado como um modelo comum nas escolas portuguesas relativamente às crianças que se encontram em idade escolar. Uma vez que, nestas idades os pais continuam a supervisionar e a exercer algum controlo sob o comportamento e as atividades diárias das crianças. Deste modo, nesta etapa de desenvolvimento, o controlo parental é percecionado como uma estratégia adaptativa que fornece às crianças alguma segurança e estrutura. Tal, vai ao encontro aos valores culturais latino-americanos que valorizam a interdependência, a unidade e a lealdade entre membros da família que, de certo modo, estão presentes nos pais portugueses e que preconizam o recurso a um maior controlo parental (Pereira *et. al.*, 2009). Estas autoras lembram também, que as mães são normalmente mencionadas, na literatura, como o elemento que se envolve mais nos cuidados paternos diários à semelhança dos fatores mencionados por Reichert & Wagner (2007) na sua investigação.

Ainda relativamente ao presente estudo deve-se fazer referência ao fator rejeição. Este encontra-se praticamente distribuído de forma homogénea pelos progenitores embora se note uma ligeira predominância em relação à figura parental do sexo masculino. Segundo Canavaro (1996) o fator confere aos pais comportamentos de modificação da vontade dos seus filhos que, por sua vez, percecionam os mesmos como uma forma de pressão para se comportarem de acordo com aquilo que os seus pais desejam. A mesma autora menciona que estes comportamentos podem ser manifestos através do recurso à força, a castigos físicos ou à retenção de objetos ou privilégios. A retenção de privilégios pode, neste contexto, estar relacionada com a ausência do pai e para a desvalorização notória no questionário do Teste de Desenho da Família. Isto é, a ausência do pai em certos momentos familiares referida pelas crianças e adolescentes pode ser sentida por estes como a retirada de um privilégio fazendo-os sentirem-se rejeitados o que poderá consecutivamente levar ao desinvestimento e desvalorização desta figura já debatida anteriormente. Tal, poderá ser comprovada pelas respostas dadas como, por exemplo - “O pai fica em casa porque não quer ir” ou “prefere ficar em casa”. Outras respostas dignas de consideração foram “o pai fica em casa porque tem de trabalhar”, o “pai é menos simpático porque está cansado do trabalho”. Estas respostas poderão de certo modo influenciar os resultados atribuídos ao fator rejeição remetendo para os fatores sócio contextuais, já mencionados, que influenciam a parentalidade, tais como, as ocupações profissionais dos progenitores (Machado & Barroso, 2010).

Tendo em consideração os dados anteriormente citados é de notar que Pereira *et. al.* (2009) consideram que os níveis de controlo e suporte, mais altos, percebidos pelas crianças em conjunto com níveis mais baixos no fator rejeição originam um maior ajustamento estando em concordância com os atributos universais de uma parentalidade benéfica.

VI - Conclusões

Tendo em consideração o pressuposto apontado por Malchiodi (1998, p. 1) o desenho é reconhecido como uma das formas mais importantes através das quais a criança se exprime ou demonstra as suas emoções e a sua

personalidade. Assim, com este estudo, procurou-se conhecer como é que a criança e o adolescente vivência e se insere no seu meio familiar (Aires, 2003 p., 6).

De um modo geral, nesta amostra, os desenhos mostraram-se pouco amplos, ocupando a zona inferior esquerda da página, orientando-se da esquerda para a direita de acordo com aquilo que na perspectiva de Aires é o sentido natural (2003, p. 12). É ainda considerável referir que as crianças e adolescentes aqui mencionadas reconhecem a estrutura formal do corpo e acrescentam alguns detalhes o que leva a uma predominância do estilo sensorial caracterizado pela preeminência de linhas curvas e pela representação de elementos da natureza.

No que respeita à valorização esta parece atribuir sentimentos de admiração, amor, inveja ou temor (Aires 2003, p. 14), neste caso, pela figura materna enquanto a desvalorização parece estar mais associada à figura paterna. Por sua vez, tendo em consideração as personagens acrescentadas e que estas poderão ser vistas como figuras importantes para a criança será possível equacionar-se que algumas das crianças desta amostra desejam ter um irmão ou irmã mais nova de acordo com aquilo que mencionam no questionário do Teste de Desenho da Família. Por fim, deve-se ainda mencionar que o grau de intimidade está maioritariamente presente entre pais e entre irmãos, representada pela proximidade das figuras nos desenhos.

Seguidamente tendo em evidência as tendências obtidas em relação aos estilos educativos parentais estes apresentam-se congruentes entre a perspectiva das crianças e adolescentes e os seus pais.

Neste caso a mãe tende a ser vista como a figura que fornece um maior suporte emocional proporcionando ao filho uma sensação de conforto e de aprovação (Canavarro, 1996). Deste modo, tendo por base as características deste fator e as suas semelhanças com o estilo educativo autorizado, tornou-se possível hipotetizar que a figura materna poderá, por isso, ser caracterizada como tendo um estilo educativo atrás mencionado. Uma vez que este se caracteriza pela existência de um ambiente familiar caloroso e afetivo e, também de algum suporte (Sprinthall & Collins 1988, p., 299).

No caso do progenitor do sexo masculino o fator que sobressai é a tentativa de controlo/sobreproteção caracterizada por alguma intrusão na vida dos filhos e por um contato excessivo que pode impedir a independência dos mesmos (Canavarro, 1996). Estes são vistos como a figura que exerce maior controlo no meio familiar. Deste modo será igualmente possível encontrar semelhanças entre o fator apontado e o estilo educativo autoritário, uma vez que este é caracterizado por alguma rigidez, controlo e algum distanciamento (Sprinthall & Collins 1988, p., 298).

Recorde-se que segundo Pereira *et al.* (2009) o modelo obtido neste estudo onde se notam níveis mais altos de suporte emocional e de tentativa de controlo é apontado como modelo comum nas escolas portuguesas. Este quando associado a níveis de rejeição mais baixo corresponde aquilo que é referido pelas mesmas autoras como os atributos universais de uma parentalidade benéfica. Por este motivo, poderá equacionar-se que a maioria dos sujeitos desta amostra, estarão próximos daquela que é considerada uma

parentalidade benéfica e poderão ter uma visão positiva da sua dinâmica familiar, uma vez que, não revelaram situações desagradáveis nem vontade de modificar algo na sua família. Note-se que apenas uma pequena percentagem de sujeitos revelou vontade de ter um irmão ou irmã mais nova. No entanto, é importante mencionar que a análise dos desenhos das crianças e adolescentes em questão mostram uma tendência para o cansaço, astenia e depressão que nos poderá colocar numa situação contraditória.

Por fim, é ainda relevante mencionar que com este estudo procurou-se contribuir para o entendimento da dinâmica familiar de algumas famílias de uma população específica e também perceber quais os estilos educativos mais usados nas mesmas. No entanto, podem ser apontadas algumas limitações a este estudo.

Por um lado, neste caso específico deve-se considerar que um conhecimento mais aprofundado da situação familiar dos sujeitos envolvidos poderia ter contribuído para uma análise mais completa da sua perspetiva familiar. Do mesmo modo o facto de os adolescentes se terem, inicialmente, mostrado mais reticentes em participar poderá ter contribuído para que estes efetuassem a tarefa e respondessem ao questionário de forma menos cuidada. É de notar, por exemplo, que em alguns casos os adolescentes referiam ter desenhado ao acaso ou não sabiam justificar as respostas dadas no questionário.

Por outro lado, segundo Malchiodi (1998, p. 8), apesar de os aspetos cognitivos e emocionais dos desenhos das crianças terem sido muito estudados não há um modo singular e fiável de interpretar o seu conteúdo dada a sua complexidade. Assim pode tornar-se difícil distinguir o que aparece no desenho devido a uma simples evocação de acontecimentos familiares daquilo que pode significar uma situação familiar conflituosa encoberta por relações interpessoais específicas (Debienne 1968, p. 93).

Acrescente-se igualmente, que Malchiodi (1998, p. 8) recorda que é importante dar ênfase aos traços normais dos desenhos das crianças para que estes não sejam interpretados erradamente. Assim é possível equacionar-se que poderá ser necessário tentar estabelecer-se normas de análise e interpretação dos desenhos mais específicas em função dos grupos em análise.

No que diz respeito ao estudo dos estilos educativos parentais é de realçar um possível efeito de desejabilidade social pelo facto de a maior parte dos questionários serem respondidos na presença do examinador e, também, pelos receios antecipadamente apresentados pelos progenitores que recearam que o presente estudo se tratava de uma recolha de informação destinada à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens.

Por fim, em estudos futuros poderá ser pertinente restringir a amostra apenas a crianças, uma vez que, os adolescentes se demonstraram menos predispostos a participar e ainda aplicar os instrumentos em momentos diferentes para reduzir a possível interferência do cansaço no desempenho dos sujeitos.

Bibliografia

- Aires, J. M. (2003). *Exame Psicológico da Criança em Idade Escolar (6 aos 12 anos) Provas Complementares*. Porto: Instituto de Psicologia Aplicada e Formação .
- Almeida, M. I. M. C. L. (2005). *A Percepção das Práticas Parentais Pelos Adolescentes: Implicações na Percepção de Controlo e nas Estratégias de Coping*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica* , 52-Vol. 1, pp. 211-229.
- Campos, D. M. (1969). *O Teste do Desenho Como Instrumento de Diagnóstico da Personalidade* . Petrópolis, Brasil : Editora Vozes Ltda.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *RIDEP* , Nº24-Vol. 2, pp. 193-210.
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica* , 16, pp. 5-18.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A Avaliação dos Estilos Parentais Educativos na Perspetiva dos Pais: A Versão Portuguesa do EMBU-P. *Teoria Investigação e Prática* , 2, pp. 271-286.
- Carvalho, A. d. (2011). *Classificação Nacional das Profissões* . Obtido em 5 de Agosto de 2014, de Cidade das Profissões : <http://cdp.portodigital.pt/profissoes/classificacao-nacional-das-profissoes-cnp>
- Cox, M. (2005). *The Pictorial World of the Child* . Cambridge : Cambridge University Press.
- Debienne, M.-C. (1968). *O desenho e a criança* (1ªedição ed.). (A. M. Rabaça, Trad.) Lisboa: Moraes Editora.
- Kerlinger, F. N. (1910). *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais*. (H. M. Rotundo, Trad.) São Paulo: E.P.U- Editora Pedagógica e Universitária .
- Malchiodi, C. A. (1998). *Understanding Children's Drawings* . London : The Guilford Press .
- Oster, G. D., & Crone, P. G. (2004). *Using Drawings in Assessment and Therapy* (2ª ed.). London : Routledge.
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of Parental Rearing Styles and Child Behaviour: Problems among Portuguese School-Aged Children. *J Child Fam Stud* , 18, pp. 454-464.
- Pinto, A. d. (1990). O Método Descritivo. In A. d. Pinto, *Metodologia da Investigação Psicológica* (pp. 46 - 59). Edições Jornal da Psicologia.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (Setembro/Dezembro de 2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais . *Psico* , pp. 292-299.

Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores .

Rudio, F. V. (1983). O projeto de pesquisa. In F. V. Rudio, *Introdução ao projeto de pesquisa científica* (7ª Edição ed., pp. 43 - 52). Petrópolis, Brasil: Vozes.

Santos, M. d. (2013). *Problemas de Saúde Mental em Crianças e Adolescentes* (1ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1988). *Psicologia do Adolescente: Uma Abordagem Desenvolvimentista* (2ª ed.). (C. M. Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

Anexo A

De acordo com a classificação portuguesa de profissões (CPP), publicada em 2011, são categorizados 10 grupos de profissões:

Grupo 0 – Profissões das forças armadas	Incluem-se neste grupo todos os oficiais, sargentos e praças dos 3 nomes das Forças Armadas com funções predominantemente militares.
Grupo 1 – Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	Compreende as tarefas e funções das profissões dos representantes do poder legislativo, de órgãos executivos, da administração pública, direção e gestão de empresas e outras organizações.
Grupo 2 – Especialistas em atividades intelectuais e científicas	Profissões intelectuais e científicas, com particular incidência nos domínios da investigação, desenvolvimento e aplicação do conhecimento humano.
Grupo 3 – Técnicos e profissões de nível intermédio	Incide essencialmente nos domínios das ciências físicas, de engenharia, indústria, ciências da vida, saúde, áreas financeira, administrativa, negócios, jurídica, social, desportiva, cultural e em tecnologias de informação e comunicação.
Grupo 4 – Pessoal administrativo	Engloba as tarefas e funções das profissões administrativas com especial incidência no registo, organização, cálculo e recuperação de informação e execução de tarefas administrativas e operações de manuseamento de dinheiro, organização de viagens e pedidos de informação.
Grupo 5 – Trabalhadores dos serviços pessoais, proteção e segurança e vendedores	Compreende as tarefas e funções das profissões dos trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança, bem como, vendedores.
Grupo 6 – Agricultores e trabalhadores qualificados na agricultura, pesca e floresta	Está relacionado com o conjunto de tarefas e funções das profissões dos agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, produção animal, pesca, floresta e caça.
Grupo 7 – Trabalhadores qualificados na indústria, construção e artífices	Profissões qualificadas da indústria, construção e artífices.
Grupo 8 – Operadores de instalações e máquinas e trabalho de montagem	Incluem-se neste grupo as profissões de operadores de instalações e máquinas e dos trabalhadores da montagem.
Grupo 9 – Trabalhadores não qualificados	Diz respeito às tarefas e funções das profissões não qualificadas, incidindo na execução de tarefas simples e de rotina, para as quais pode ser necessário utilizar máquinas – ferramentas portáteis e considerável

Anexo B1

Consentimento informado

Esta autorização destina-se a atestar a sua participação no projeto de Tese/Mestrado da aluna Carla Elisabete Pereira Martins, que frequenta o Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Este projeto irá dedicar-se ao estudo das perspetivas das dinâmicas familiares, assim como dos estilos educativos parentais, encontrando-se sob orientação do Doutor Pedro Urbano.

Mais informo, que me encontro à sua inteira disposição para qualquer esclarecimento adicional, poderá procurar-me presencialmente ou se preferir usar um dos seguintes contactos:

Telm.: 918090372; E-mail: Carla.elisabete7@hotmail.com

Se está disposto (a) a colaborar e autoriza a participação do seu educando, por favor preencha as autorizações abaixo.

Eu, _____ declaro que aceito participar no estudo de Carla Elisabete Pereira Martins, no âmbito da tese/dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Declaro ainda que tomei conhecimento e compreendi os objetivos e procedimentos relativos a este estudo relativo às perspetivas da dinâmica familiar e dos estilos educativos parentais. Foi-me também garantida a confidencialidade tanto dos meus dados pessoais como dos resultados obtidos no estudo.

Data: ___/___/___

Assinatura: _____

Anexo B2

Eu, _____ declaro que aceito participar no estudo de Carla Elisabete Pereira Martins, no âmbito da tese/dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Declaro ainda que tomei conhecimento e compreendi os objetivos e procedimentos relativos a este estudo relativo às perspetivas da dinâmica familiar e dos estilos educativos parentais. Foi-me também garantida a confidencialidade tanto dos meus dados pessoais como dos resultados obtidos no estudo.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura: _____

Eu, _____ declaro que autorizo o meu filho (a) _____ a participar no estudo de Carla Elisabete Pereira Martins, no âmbito da tese/dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Declaro ainda que tomei conhecimento e compreendi os objetivos e procedimentos relativos a este estudo relativo às perspetivas da dinâmica familiar e dos estilos educativos parentais. Foi-me também garantida a confidencialidade tanto dos meus dados pessoais como dos resultados obtidos no estudo.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura: _____

Anexo C

Questionário Sociodemográfico

Código: _____
Data de aplicação: ____/____/____

Data de Nascimento: ____/____/____

Sexo: F M

Freguesia/ Distrito _____

Estudas? ____ Que ano frequentas? _____

Tens irmãos? _____ Quantos? _____

Qual é a tua posição na fratria? _____

Anexo D

Questionário Sociodemográfico

Código: _____
Data de aplicação: ____/____/____

Data de nascimento: ____/____/____

Sexo: F M

Freguesia/ Distrito: _____

Estado Civil: _____

Habilitações académicas: _____

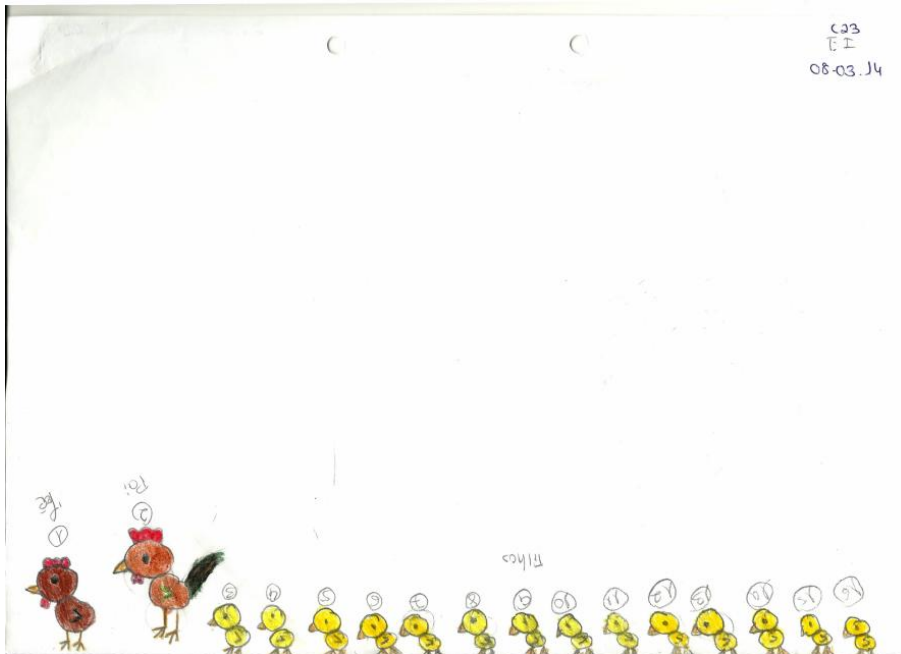
Profissão: _____

Anexo E

Questionário do Desenho

	Família Imaginária	Família Real	Observações
Elementos da Família Desenhados/ordem			
Nome/Idade			
Quem manda mais, porquê?			
Quem manda menos, porquê?			
Qual é o mais simpático, porquê?			
Qual é o menos simpático, porquê?			
Qual é o mais feliz, porquê?			
Se pertencesses a esta família, quem gostarias de ser? Porquê?			
Se fossemos dar uma volta de carro, quem ficaria em casa? O que vai acontecer?			
O que vai acontecer a seguir?			
Se pudesses mudar alguma coisa nesta família, o que seria?			

Anexo F1



Anexo F2

